
A REPRESENTAÇÃO AFRO-LATINO-AMERICANA COMO CIMARRONAJE EM CHANGÓ, EL GRAN PUTAS, DE MANUEL ZAPATA OLIVELLA

THE REPRESENTATION OF AFRO-LATIN AMERICA AS CIMARRONAJE IN CHANGÓ, EL GRAN PUTAS, BY MANUEL ZAPATA OLIVELLA



Dossiê

Literaturas africanas e afrodiaspó-
ricas: escritas emancipatórias

Organizadores:

Prof. Dr. Cláudio R. V. Braga



Profa. Dra. Gláucia R. Gonçalves



Profa. Dra. Fernanda Guida



Profa. Dra. Elena Brugioni



v. 32, n. 61, maio, 2023
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 16/09/2022

Aprovado em: 16/03/2023

Distribuído sob



Rogério Mendes

rogerio.mendes.coelho@ufrn.br

UFRN

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

Changó, el gran putas, do colombiano Manuel Zapata Olivella, é uma das poucas epopeias latino-americanas e uma das poucas obras ficcionais em língua espanhola que reconhecem as contribuições culturais da diáspora africana na América Latina. O livro apresenta como as cosmogonias e cosmovisões africanas relevam-se no processo de formação das sociedades e literaturas latino-americanas. A proposta do presente artigo é refletir sobre alguns critérios de desenvolvimento que tornam a prática de resistência afrodescendente (cimarronaje) característica fundamental no projeto ético e estético de Zapata Olivella, marcadamente em Changó, el grand putas, obra referencial para compreender a América Latina Africana e Mestiça.

América Latina. Diáspora africana. Zapata Olivella. Changó, el gran putas.
ancestralidade

The book “Changó, El Gran Putas” (2010), by the Colombian Manuel Zapata de Olivella, is one of the few Latin American epics and one of not many fictional works in Spanish language in the recognition of the cultural contributions of the African diaspora in Latin America. The book presents how African cosmogonies and cosmovisions are revealed in the process of formation of Latin American societies and literature. The proposal of this article is grounded on presenting some of the criteria and development that make the practice of Cimarronaje referential foundations in the ethical and aesthetic project Zapata Olivelleano and make “Changó, el Grand Putas” (2019) a referential work to understand African and Mestizo Latin America.

Latin America. African diaspora. Literature. Zapata Olivella. Changó, el gran putas

Introdução

A obra *Changó, el Gran Putas*, do escritor afro-colombiano Manuel Zapata Olivella, apresenta-se como uma das obras literárias mais representativas para entender as bases da intelectualidade afrodescendente e a relevância do imaginário ancestral africano no processo de formação das sociedades e literaturas da América Espanhola. O livro, uma epopeia, gênero que, segundo as normativas dos estudos literários tradicionais define-se e estrutura-se a partir trajetória de um marco histórico importante do ponto de vista civilizacional, narra a diáspora africana nas Américas. A obra narra as contribuições dos marcos históricos e das cosmogonias e cosmovisões africanas e afrodescendentes no processo de formação social e literária latino-americana entre o século XVI e XX.

Ao considerar cânones da literatura ocidental, como por exemplo, *A Ilíada* e *A Odisseia*, de Homero; e *Eneida*, de Virgílio, é possível que a intenção do colombiano foi a de aproximar-se modelos e formas estruturais que definem o gênero da epopeia do Ocidente, responsáveis por visibilizar os marcos das cosmogonias e cosmovisões ocidentais, e convertê-los também espaços de legibilidade para a melhor compreender e visibilizar as cosmogonias e cosmovisões africanas e afrodescendentes e incluí-las como importância no mosaico multiconstitutivo das literaturas e sociedades latino-americanas. O livro *Changó, el Grand Putas* integra à restrita galeria de epopeias produzidas nas Américas e apresenta-se como oportunidade para exaltar a cultura africana e afrodescendente por suas vozes e representatividades ante a predominância do imaginário eurocêntrico nas Letras e Educação da América Latina. Para compreender a complexa natureza antropológica diversa e constitutiva da América Latina é preciso perceber os imaginários que definem e tornam possíveis as vozes de seus povos. Para viabilizar um Humanismo Latino-Americano é preciso reconhecer sua pluralidade de vozes e instituir, democraticamente, o reconhecimento de contribuições intelectuais diversas no continente e, entre elas, a afrodescendentes.

A epopeia escrita por Zapata Olivella apresenta-se como “ode” aos valores e virtudes míticas, espirituais e intelectuais, não apenas dos negros, bantus e iorubás, mas também dos povos originários americanos e *criollos* insurgentes, mas, sobretudo, africanos, a partir da ótica afrodescendente, em seus questionamentos, inconformismos e contribuições humanas e culturais ao longo de um pouco mais de quinhentos anos de história das Américas ao levar como marco a chegada dos europeus ao continente. Trata-se de um projeto ambicioso que não exalta a centralidade arrebatadora da individualidade de heróis da epopeia porque compreende que o protagonismo heróico, em especial dos *cimarrones* afrodescendentes, relaciona-se ao mérito coletivo de suas ações, em diversos marcos e contextos temporais. Logo, o protagonismo heróico da epopeia ‘zapataolivelliana’ consubstancia-se a partir de ações e diálogos do *ethos* africano e afrodescendente mediados por Orixás iorubanos, inquices bantas e personalidades de insurgência histórica convertidos em marcos históricos de lutas contra as injustiças e desigualdades e em favor de liberdades que solidificaram valores e sobrevivências dos afrodescendentes nas Américas. Uma perspectiva que define e preserva a afrodescendência como patrimônio referencial imanente no imaginário dos povos africanos, muntus, em suas diásporas e inúmeras vozes narrativas nas Américas. O escritor Zapata Olivella, no artigo “Memoria de la palabra”, apresenta a justificativa que estrutura o sentido coletivo na construção de “outra” história americana no livro:

Quería escribir la epopeya de los cincuenta millones de africanos y de sus descendientes puros, mulatos zambos bajo sus esclavizadores. Para contar estas historias necesitaba un lenguaje común que no fuera de los amos. No más “Yo”, no más “Tú”, no más “Él”. Sino las mil voces americanas conjugando el Nosotros. (ZAPATA OLIVELLA, 1987, p. 2)

Diáspora africana (re)contada segundo um narrar *cimarrón*

Apesar de ser concebido como epopeia, *Changó, el Gran Putas*, ao longo de sua estrutura, apresenta um perfil literário híbrido, não linear, composto pelas inserções de relatos históricos; diálogos teatrais; orações ancestrais bantus e iorubanas, que se apresentam ora como poesia ora como prosa, outras vezes como ensaios, mas sempre preservando o intuito provocativo que ultrapassa, subverte, as normativas formais que (pre)definem e desafiam as disposições de gêneros e estudos literários tradicionais numa espécie de rebeldia que, por essa razão, aproxima-se do conceito de *cimarronaje* como ética, subversão, encantamento e busca efetiva de liberdade. A concepção e o teor do projeto de Manuel Zapata Olivella são, por excelência, uma ideia que se desenvolve na ciência de que a história deve ser compreendida de maneira ampla sob a perspectiva irrestrita de vozes que, no caso, se toma a palavra, a afrodescendência como manifestação multidisciplinar, histórica e coletiva; efeitos de percursos delineados pelos saberes e valores que encarnaram a sobrevivência, como *ethos* ancestral e forma, que se tornaram representação e representatividade literária genuína na América Latina. Isso não se apresenta apenas como fato, mas, sobretudo, como fissura, contestações e legados não reconhecidos por registros de um História que se deteve à importância de outras representações e imaginários silenciadores eurocêntricos da *otredad*.

É preciso dizer que o negro possui História, valores e encantamentos. O negro, da maneira subalterna em que foi compreendido, é uma invenção moderna consolidada a partir das relações coloniais que se empreenderam nas Américas e África. Por essa razão, faz-se necessário o reconhecimento de *Changó, el Gran Putas* para (re)contar Histórias que não se contam dos negros e que apenas os negros sobre os negros poderiam narrar com a atenção que não se costuma visibilizar pela Historiografia e Crítica Literária Latino-Americana. Reconhecer como plural e democrática a Historiografia das contribuições dos saberes que constituem a América Latina sob ótica da *otredad* é um movimento

necessário para o processo de descolonização do imaginário e saberes latino-americanos a partir do reconhecimento da importância de outros marcos relevantes sob outra ótica para ornar possível uma Educação responsável.

Tendo em vista a diversidade das configurações histórico-culturais dos povos americanos, seria representativa a ideia de suas distinções e, portanto, natural que se apresentasse a configuração das especificidades do que compõe a contribuição africana/afrodescendente no processo de formação das Literaturas Latino-Americanas sob o prisma da Unidade que dialoga com o Diverso – da necessidade à oportunidade, aqui, de sua execução. Não por acaso, ao iniciar a obra que conta a diáspora africana nas Américas, Zapata Olivella é perspicaz por exaltar, como estratégia, a referência interseccional da diáspora africana nas Américas, que, além de marco histórico importante, trata-se de cruzo, encruzilhada, convergência que aproxima os mundos, africano e americano, ainda que prevaleça o prisma referencial negro-africano nos primeiros versos da obra, mesmo porque, exaustivamente, a versão ocidental do fato foi suficientemente difundida e compreendida.

¡Oídos del Muntu, oíd!
¡Oíd! ¡Oíd! ¡Oíd!
¡Oídos del Muntu, Oíd!

(La kora ríe
Lloraba la kora,
Sus cuerdas hermanas narrarán uno
solo canto

La historia de Nagó
El trágico viaje del Muntu
Al continente de Changó)

Soy Ngafúa, hijo de Kissi-Kama
Dame, padre, tu voz creadora de
imágenes,

Tu voz tantas veces escuchada a la
sombra del baobab.

¡Kissi-Kama, padre, despierta!

Aquí te invoco esta noche, junta a
mi voz tus sabias historias.

¡Mi dolor es grande!

(ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p.

42)

De acordo com a tradição grega, os cantos

poéticos eram acompanhados pelo toque da lira, mas, na epopeia *Changó, el gran putas*, o canto do exílio de Xangô, em subversão, inicia-se acompanhado pela Kora, instrumento de 16 ou 32 cordas, comum na região da antiga Senegâmbia e Mali, utilizado nos jograis iorubás. A apresentação do narrador, a inquite banta Ngafúa que, por sua onisciente voz, é capaz de comunicar-se com o presente e o passado, com os vivos e os mortos sob a proteção dos deuses iorubanos, medeia a interlocução das diversas vozes narrativas de personalidades históricas, espíritos vivos e mortos, em fluxo temporal não linear ao longo da obra.

Observa-se que Zapata Olivella, em licença poética, “cruza” as disposições cosmogônicas iorubana e banta como base da tessitura de um tecido narrativo que empreende duas das principais dimensões cosmogônicas africanas nas Américas e também tece a perspectiva híbrida que define a América – o que se refletiria no próprio ato de narrar e compreender a narrativa. Numa concepção tradicional de literatura, o narrador, em terceira ou primeira voz, medeia, onisciente, a condução das histórias. No entanto, em *Changó, el gran putas*, a “centralidade” narrativa subverte-se por meio de Ngafúa, voz igualmente mediadora e condutora da narrativa, mas que, contudo, apresenta-se onisciente na posição de babalorixá, porta-voz de Ifá, representação do Oráculo, Deus supremo iorubano, que se apresenta como Onisciente Maior para a cultura negro-africana:

Llevamos con nosotros la palabra adivinadora del grand Ifá. A mi espalda, no puedo ver sus labios, pero su voz me hincha con la claridad que le ha dado Orunla. Me hablaba en yoruba para que pueda entender su canturrelo:

– ¡Dijinga Dikatampe, creador de los soles, la tierra, la luna y las aguas, alimenta de la vida!

– ¡Dijinga Dikatampe, procreador del muntu!

– ¡Dijinga Dikatampe, creador de los animales, las plantas y las piedras que le sirven!

– ¡Dijinga Dikatampe, repartidor

del poder de los vuduns, los ancestros y los mortales;

– ¡Dijimka Dikatampe, después de proclamar tu grandeza deja que mencione mi nombre;

Soy Ngafúa, hijo de Kissi-Kama, babalao de Ifá. Aunque nacido en Cabinga, los ngalas son mis Hermanos de sangre.

Habéis de saber ekobios cautivos que mi kulonda fue engendrado en el vientre de mi madre tatarabuelo ancestro para ser sacerdote de Ifá. (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 111)

Segundo o pesquisador colombiano Dario Henao Restrepo, em sua tese *O Código Xangô: A Cosmovisão Mito-Poética de Matriz Africana em Changó, el gran putas, de Manuel Zapata Olivella* (2015, p. 40), o ponto de partida da epopeia, como se sabe, é o percurso da diáspora africana nas Américas, mas a partir de um acontecimento trágico e específico do panteão iorubano: a maldição de *Orunmila* sobre Xangô. Xangô despertou a ira de *Orumilá*, dono das tábuas de *Ifá*, Senhor da Vida e da Morte, que, junto a *Omo Obá*, o primeiro e único homem imortal condenado por Odumaré a viver sepultado nos vulcões, condenou Xangô por combater com seus irmãos: *Orun*, *Oxossi*, *Okê*, *Olokun* e *Okô*. Por essa razão, Xangô foi expulso do *Oyó Imperial* e condenado ao exílio nas Américas. Devido a isso, a partir de então, os sacrifícios e sofrimentos vivenciados pelos filhos de Xangô, em decorrência da maldição, seriam redimidos apenas nas Américas, em contrapartida, todos os que se rebelassem contra *Changó* seriam condenados, em especial, as “Lobas Blancas”, metáfora disposta na narrativa para referir-se aos europeus escravizadores que têm “muchos rostros: alemanes, ingleses, polacos, franceses, holandeses, espanhóis, norte americanos” (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 284) e são muito cruéis: “(...) mercadores de los hombres/ violadoras de mujeres/ tu raza/ tu pueblo/ tus dioses/ tu lengua/ ¡Destruirán!// ¡Las tribus dispersas/ rota tu familia/ hasta sus nombres/ separadas las madres de tus hijos/ ¡Destruirán!” (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 66-7).

Nas Américas, os filhos de Xangô estariam livres da maldição e o próprio Xangô,

antes em desgraça, seria coroado Rei, mas desde que provesse de força espiritual seus filhos para que eles prosperassem. Xangô seria Rei, Líder, Provedor e, portanto, operacionalizador da Justiça naqueles mundos. A partir dali, para as nações africanas, um Novo Mundo se daria para os que aqui habitassem. Até os dias de hoje nos terreiros de Candomblé, Umbanda, Santería e Vodú Xangô é Orixá respeitado e reverenciado como Rei que, com nobreza, ampara os injustiçados e, com destreza, interdita os injustos. Daí o título da obra: *Changó, el gran putas*, que, em tradução livre para a língua portuguesa, corresponderia a algo próximo de *Changó, o cara*, ou ainda *Changó, o fodão*.

A restauração de *Changó* e dos seus filhos nas Américas, a partir da diáspora, está relacionada à dissipação do que se pode compreender como *muntu*, palavra de origem banta que, em acepção comum e imediata, significa “ser humano”, mas que carrega consigo entendimento amplo, relacionado a uma contínua e diversa atividade de forças ativas que constituem o Universo/Natureza e são reversíveis à compreensão e sensibilidade humana a partir de saberes e instrumentalidades, práticas e metafísicas, sagrados como parte que integra o Todo. Trata-se de uma perspectiva que remete às bases sugeridas pelo Cosmograma *Bantú Ba Kongo* que compreende o humano, parte indissociável que integra a compreensão e atuação do Todo, Sagrado e Universal em operacionalidade divina que torna possível a vida e os seus sentidos. O *Muntu*, portanto, seria a representação do humano, mas não em compreensão isolada ou protagonista, antropocêntrica, e, sim, como peça importante de um mecanismo metafísico, agente e reagente, que torna possíveis a compreensão, a produção e a manifestação de saberes e ações humanas e espirituais.

Não por acaso, em sua etimologia, banta apresenta-se como palavra em flexão pluralizada. Por esse motivo, Zapata Olivella narra e refere-se à trajetória dos filhos de Xangô nas Américas como o percurso *muntu* americano, pois não foram apenas homens e mulheres dissidentes, humanos, que se

deslocaram. Com eles movimentaram-se e deslocaram-se os espíritos e as sabedorias que integram o Todo, que ainda o constituem como Cosmogonia e que, por Tradição, deveriam perpetuar-se nas transmissões desses conhecimentos em gerações posteriores como ancestralidade. Desse modo, pode-se compreender que *Changó, el Gran Putas* narra não apenas as adversidades de um Rei condenado ao exílio *sub judice* e o percurso dos povos africanos, seus filhos, como *muntu*. *Changó, el Grand Putas* narra as histórias de diversos outros desafortunados, indígenas e *criollos*, ideias, valores e espiritualidade que também se tornaram seus filhos, por não tolerarem injustiças, que justificaram lutas pela redenção prometida nas Américas sob a benção de Xangô.

Isso posto, pode-se estabelecer relação entre a orientação e responsabilidade de Xangô sobre o *Muntu* nas Américas e o que o presente estudo compreende como *ethos* da *cimarronaje* – “No sé si los cimarrones formamos a nuestros generales o si ellos, señalados por Changó, llegaron a la guerrilla con su sabiduría de antiquísimos guerreros” (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 276). Cabe aos filhos de Xangô, desde então, *cimarrones*, escritores, professores, ativistas, poetas, músicos, dançarinos, capoeiristas, ialorixás, babalorixás, *rappers*, jazzistas, disponibilizarem linguagens necessárias para traduzir consciência e linguagem, como tradutibilidades que devem prevalecer ativas e perseverantes na profusão, transformação e manutenção de saberes como ancestralidades que muitos relegam à margem e incompreensão de uma Tradição ancestral constitutiva, e muitas vezes negada, que compõe a América Latina como narrativa. Xangô é um princípio metafísico, múltiplo pelos filhos e semelhantes de gerações que sucederam, que clama pela justiça: “Ahora comprendo, dolido Changó, tu fúria, tu dolor, cuando fuíste arrojado de la imperial Oyó, separado de la calurosa convivencia de tus subditos. Exilio. (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 244).

Zapata Olivella dedica a terceira parte da narrativa, “La Rebelión de los Vodús”, à Revolução Haitiana. O episódio apresenta

disposições importantes para compreender o sentido do muntu nas Américas porque tratou de insurgência motivada em favor da operacionalidade da Justiça. O movimento revolucionário, exitoso e articulado pela potência negro-africana a partir de idiosincrasias ancestrais que o definiram como legado, ficou marcado pelo triunfo dos negros escravizados ante a empresa colonizadora e escravocrata francesa no Haiti. Ao evocar os Orixás à luta revolucionária, Zapata Olivella exorta o comprometimento da profecia ancestral e consagra os *cimarrones* por meio de *Ogún*, guerreiro e ferreiro, entidade responsável pela produção de armas e instrumentos de trabalho e ímpeto combativo ao lado de *Ngafúa*, narrador, onisciente, sob a benção do oráculo *Ifá*, no auxílio de François-Dominique Toussaint L'Ouverture (1743-1803), maior líder da Revolução Haitiana e que depois viria a se tornar o primeiro governador negro do Saint-Dominique, entre outros insurgentes:

Aquel día supe que mi lugar está al lado de los vodús rebeldes y no en los templos cristianos. Pequeño Toussaint, sube aquí a la carreta de los orichas y escúchame. Soy Ogún Ngafúa, compañero de Nagó. El Gran Ifá me ha prestado sus cien ojos para oír y contar las huellas aún no sembradas por el muntu en esta isla. (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 249)

Dentre os personagens históricos elencados e articulados por Xangô, estava Dutty Bouckman. Bouckman nasceu na Jamaica e foi vendido como escravo pelo seu “dono” britânico para um senhor proprietário de terras francês no intuito de gerenciar escravos em sua plantação no Haiti. Ficou conhecido por estar à frente da cerimônia religiosa que deflagrou o motim dos escravos que culminou na Revolução Haitiana e posterior liberdade dos negros escravizados.

Bouckman era sacerdote religioso e ao sacrificar em ritual vodu um porco, símbolo do poder espiritual e liberdade das florestas ancestrais, jurou com os demais que participaram da cerimônia que não mais se submeteriam aos desmandos e crueldades dos colonizadores franceses, Lobas Blancas: “(...)

Después Bouckman llenó la noche con el grito de su tambor: – ¡Vengan todos, los difuntos y vivos, a pelear al lado de nuestros Orichas contra la esclavitud! (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 282).

O pesquisador Cyril Lionel Robert James, no livro *Jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingo* (2010, p. 32), afirma que, na ocasião de suas palavras, ecoou o cântico que entoavam em todos os dias que antecederam a conjuração: “Ê! Ê! Bomba! Heu! Heu! / Canga, bafio té! Canga, mouné de lé! Canga, do ki la! Canga, li!”. Em livre tradução do pesquisador, equivaleria a algo próximo de: “Juramos destruir os brancos e tudo o que possuem; que morramos se falharmos nessa promessa”. Toussaint L'Ouverture, narrador que alterna com Ogún Ngafúa o capítulo, foi o comandante que organizou e comandou na Ilha de Saint Dominique o exército de quinhentos mil escravizados que realizaram Revolução Haitiana sob a anuência de Changó: “A ti, Toussaint L'Ouverture, te doy las llaves de Elegba. Aún, después de muerto, serás la grand abertura de la Libertad” (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 286).

François Mackandal, que não necessariamente apresenta-se como o protagonista da novela *No reino deste mundo*, de Alejo Carpentier, mas a inspiração que resultou na concepção do conceito de “Real Maravilhoso”, era um dos escravizados, *maroon*, designação inglesa correspondente a *cimarrón*, que havia nascido na Jamaica e era iniciado nas religiões de matriz africana, profundo conhecedor de venenos e ciclos naturais que foram utilizados nas batalhas revolucionárias. Dizia-se que era capaz de transformar-se em animais e, assim, de acordo com a lenda, enganou e assassinou centenas de escravizadores franceses em batalhas revolucionárias no Haiti. *Changó* disse por meio de Ngafúa: “– Mackandal, te hago mariscal. Vengarás la sangre de los ekobios torturados” (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 286).

Jean-Jaques Dessalines, outra personalidade insurgente lembrada por Zapata Olivella, esteve a serviço do comandante Toussaint L'Ouverture. Sob o comando de

L'Ouverture, foi promovido a general das tropas. Quando o comandante L'Ouverture foi capturado e preso pelos soldados enviados por Napoleão Bonaparte, Dessalines reorganizou o exército de insurgentes *cimarrones* para mais uma investida contra o exército francês e venceu o confronto conhecido como a “Batalha de Vertières”, que resultou na expulsão definitiva dos franceses do Haiti. Dessalines, então, proclamou-se Jacques I, o primeiro imperador negro do Haiti. Changó havia dito: “– Acércate, Dessalines. Toma esta corona. Serás emperador general de la plaza y reorganizarás la nación destruída por la guerra” (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 286).

Henri Cristophe, outro destaque da narrativa de “la Revolución de los Vodús”, participou ativamente de todas as etapas do processo revolucionário e tornou-se o último general das tropas e, posteriormente, Rei, de acordo com a profecia de outro Rei, Changó: “(...) A Christophe le dijo: – No dejarás paz a tus propios ekobios (companheiros). Te coronó Rey para que gobiernes sobre los cadáveres de tus amos y súbditos (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 286).

Zapata Olivella, ao narrar o episódio da Revolução Haitiana, reitera a perspectiva do sentimento de coletividade relacionado à Unidade dos povos, *muntú*, africanos nas Américas. Os filhos de *Changó*, guerreiros, escravizados e soldados nas batalhas, eram, em verdade, a fragmentação que (re)constituiu a integridade do espírito e desejo do Orixá-Rei, *Changó*, na reivindicação e luta pela liberdade e preservação da profecia de *Orunmila* e legado ancestral nos caminhos da diáspora africana nas Américas. Mais do que um trajeto intercontinental “justificado” pelo tráfico humano com vistas à escravidão, a diáspora involuntária rovou a inquieta, insubmissa e inconformada permanência, e aparente passividade, disposta a reverter uma condição adversa que tornava seres humanos inferiores a outros, arbitrariamente, relegados a uma condição subumana de existência sob encarceramento da liberdade, sob exploração e vigília.

Na quarta parte que integra a epopeia,

intitulada “Las Sangres Encontradas”, Zapata Olivella dedica-se à descrição e reconhecimento de outros insígnias humanos e culturas: indígenas, mestiços e *criollos* que, assim como os afrodescendentes, articularam-se como insurgentes por uma América descolonizada. O primeiro deles é o comandante *criollo* Simón Bolívar, peça fundamental nas movimentações insurgentes contra o Império Espanhol, conhecido por liderar investidas independentistas na Venezuela e Colômbia e por estabelecer as bases intelectuais que fundamentaram as ações revolucionárias bolivarianas que pretendiam unificar a fragmentada e colonizada América Espanhola. São de sua autoria documentos importantes que incitaram o sentimento e necessidade de autonomia civilizacional latino-americana, tal como o Manifesto de Cartagena (1812) e Carta à Jamaica (1815), onde professou que as nações americanas não deveriam ser comandadas pela Metrópole Ibérica, e, sim, por seu povo, que deveria ser independente, ainda que do ponto de vista e condições políticas e econômicas liberais pensadas e articuladas pelos seus *criollos*.

Assim escreveu em Carta à Jamaica:

Luego que seamos fuertes bajo los auspicios de una nación liberal que nos preste su protección, se nos verá de acuerdo cultivar las virtudes y los talentos que conducen a la gloria: entonces seguiremos la marcha majestuosa hacia las grandes prosperidades a que está destinada la America Meridional. (BOLÍVAR, 2015, p. 23)

Zapata Olivella estabelece relação direta entre Simón Bolívar e Xangô, pela mediação de *Ngafúa* e mais o ímpeto libertário que aproxima e define ambos, tanto como individualidades quanto pela simbólica mestiça que constituiria a relação híbrida no espaço americano, metaforizada como *Hermandad*. Nesse capítulo, Zapata Olivella estabelece relação direta entre a cosmogonia africana, indígena e a ação dos revolucionários *criollos*. Observa-se, com isso, que o propósito de Zapata Olivella na obra relaciona-se à compreensão da institucionalidade híbrida, mestiça, que

definiria a América Latina como Unidade de Diversos. Nesse sentido, *Changó, el Gran Putas* pode ser considerado como uma espécie de tratado antropológico que, sob a linguagem literária, objetivou demonstrar o caráter particular que envolve distanciamentos, mas, sobretudo, aproximações de propósitos marcados pela busca de liberdade latino-americana sob o ponto de vista afrodescendente e sob a bênção e legado de Xangô.

A afrodescendência, para Zapata Olivella, não se relaciona aos limites de uma definição de estigma étnico, mas, substancialmente, é uma maneira de ver o mundo que se vincula a uma cosmovisão, latino-americana, que resulta de cosmogonias distintas e complementares. Isso significa, em termos práticos, a relevância de construir e dispor de sensibilidades críticas aptas e capazes de reconhecer as particularidades de um Humanismo Outro, radicalmente plural e desvinculado de parâmetros valorativos absolutos, haja vista as legitimidades das várias experiências independentes que o constituem na América Latina. Um Humanismo avesso aos embasamentos conceituais do que, normalmente, compreende-se como Humanismo, como se fora única possibilidade sob a perspectiva antropocêntrica ou, pelo menos, por meio de um antropocentrismo descentralizado e desvinculado de transcendências exclusivamente racionalistas e outras referências cosmogônicas. Ao invés de uma relação pautada na revitalização e valorização de um conjunto de saberes greco-latinos, responsáveis pela configuração cêntrica e racionalista que evidencia o protagonismo individual do homem (Burckhardt, 2009), o Humanismo Latino-Americano, Africano/Afrodescendente, primária pela ética e indissociabilidade relacional entre homem, espiritualidade e natureza. Zapata Olivella investe em estratégias simbólicas e factuais para tornar tão possíveis quanto verossímeis as relações que aproximam e distanciam as diversas sensibilidades culturais que fundamentam a essencialidade antropológica latino-americana como narrativa.

É por meio do reconhecimento metafísico e simbólico que a crença do Humanismo de Zapata Olivella, sob a perspectiva afrodescendente, pacífica e mestiça, apresenta-se como sensibilidade numa espécie de afirmativa de que não pode haver Humanismo sem a Humanidade que particularmente define outras Humanidades e que, por essa razão, não implica em distanciamentos, inclusive, inesperados e simbólicos. Como exemplo, Zapata Olivella apresenta o seguinte: *Ngafúa* revela que Bolívar é também um dos filhos e protegidos de *Changó* e que, durante os episódios da guerra, foi protetor e orientador de sua trajetória e triunfos. *Ngafúa* ainda menciona Hipólita, aia negra que amamentou Bolívar quando criança órfã, a pedido de *Changó*. Hipólita foi pai e mãe de Bolívar em sua orfandade e reitera proteção ao prever a traição do Almirante Jose Prudencio Padilla, morto por fuzilamento, a mando do próprio Simón Bolívar, em mensagem profetizada e enviada por *Changó* por meio de relâmpagos e decodificada pelo narrador e babalorixá *Ngafúa*.

Lo cierto, Simón, es que soy *Ngafúa*, mensajero de *Changó*, tu protector en la guerra. Tomo mil formas, he estado contigo desde antes de nacer. Tu maestro compañero en el Monte Aventino; tus delirios en el Chimbotazo y en San Pedro Alejandrino. Seré Hipólita para cerrar tus ojos. Vengo a prevenirte contra aquellos que escondidos en tu propia sangre buscan tu fracaso [...] El viejo mayordomo descifró el mensaje de los relámpagos y ordena que me lleven esa misma noche a Caracas. (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 315).

Na quinta parte do livro, Zapata Olivella menciona e destaca José Maria Morelos, um dos pioneiros insurgentes na luta pela independência mexicana. Combateu o exército espanhol como líder após a morte de seu mentor intelectual, o religioso e liberal Miguel Gregorio Antonio Ignacio Hidalgo y Costilla Mondarte Villaseñor, que se dedicou ao amparo e letramento dos indígenas mexicanos na época colonial. Do inconformismo em relação ao trato dispensado aos nativos, Villaseñor fomentou e atuou no movimento revolucionário mexicano

em favor dos indígenas que, após a sua morte, tiveram no insurgente Morelos a continuidade do trabalho que envolvia seus princípios e ações.

A perseverante e persistente compreensão encontra apoio de africanos, nativos e *criollos* imbuídos no mesmo propósito de independência sob a batuta de seus valores. Zapata Olivella estabelece entre negros, índios e *criollos* relação pactual em prol da convivência harmoniosa das alteridades um cruzo. Ao estabelecer na narrativa simbiose ancestral entre os olmecas, africanos e *criollos*, propõe intersecção cultural surpreendente por meio de um sincretismo religioso envolvendo as referencialidades cosmogônicas desses povos. No excerto a seguir, que inicia o capítulo, o colombiano estabelece aproximações ancestrais que os moviam e que, por essa razão, não poderiam ser ignoradas por estabelecerem vínculo metafísico motivacional que na narrativa ganha contornos práticos que enriquecem a beleza do texto literário e, ao mesmo tempo, promovem aproximações existenciais desses povos sob *liderazgo* do *cimarrón* José Maria Morelos, com a bênção de Xangô.

He redescubierto la tierra del
Anáhuac¹
la Tierra que parió *Odumare*².
La Olvidada tierra de olvidados
ancestros,
la tierra de los abuelos olmecas
ngangas poderosos de artes mágicas.
He visto sus ciudades abandonadas,
cabezas de príncipes africanos
talladas en piedra
celosamente guardadas por el
Jaguar
en la oscura y silenciosa selva
[...]
– ¡Despierta, José María, los
ancestros te llaman!
(ZAPATA OLIVELLA., 2010a, p.
407).

Na incompreensão dos limites que se atestam como sonho e realidade, Morelos dialoga com ancestralidades. Assim despertou José Maria Morelos sem saber se estava dormindo ou acordado. Ao virar-se de lado e avistar a Virgem de Guadalupe teve a certeza de que havia sido dela o chamado pelo qual, sem cerimônias, despiu-se da túnica florida que vestia e fez de Morelos um homem ruborizado e, ao mesmo tempo, aterrorizado, fechando os olhos. No entanto, forças que não sabia explicar atraíram-no para trás do corpo da mulher desnuda que o havia chamado. Para certificar-se se o que havia visto era real, estendeu a Ela a mão e percebeu que se tratava de uma sombra sem carne que suspirava distante como memória de outra vida: “– Soy Ngafúa, mensajero de Changó en estas tierras. Sígueme. Te llevaré a la morada de tus mayores” (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 407).

Seguiu com Ngafúa como se ele fora uma espécie de Virgílio a ser conduzido a um universo dantesco. Morelos percorreu cemitérios e observou esqueletos de velhos, mulheres e crianças. Entendeu que eram ancestrais na medida em que se sentiu atentamente observado. Morelos observou tudo com olhos que também o observavam. Ele nunca tinha visto olhos piscarem tanto. Algum tempo depois, esses mesmos olhos afundaram em terreno de maneira tão progressiva e elástica que cogitou que não os alcançariam as raízes das árvores mais antigas.

É interessante observar que nessa passagem onírica o escritor recorda algo importante nas cosmogonias/cosmovisões africanas: a indissociabilidade entre vida e morte; entre o que poderia ser considerado sonho e realidade (Zapata Olivella 2010a, p. 408). A simultaneidade na representação estende-se como códigos tão poéticos quanto proféticos. Ao longo da narrativa, observa-se

1 Região mesoamericana onde floresceram as civilizações olmecas, mexicanas, zapotecas, toltecas etc.

2 Supremo Deus onisciente e onipotente. Não se invoca nem representa, porque sempre se faz presente. É personificado de três maneiras: Odumaré Nzame, criador da vida e do universo; Olofi, responsável pela projeção da terra e ordenador da força; e Baba Nkawa, andarilho e criador de espaços siderais.

que Zapata Olivella, por meio de diversos narradores, instaura e mantém ritmo e clarividência típicos da oralidade. Isso porque o investimento na compreensão imediata e atrativa é o que estrutura o seu objetivo em priorizar a transmissão dos saberes essenciais que pretendeu compartilhar na obra.

O colombiano valoriza os efeitos e dinâmicas performativos por meio da construção de diversas imagens, circunstâncias, linguagens e tipologias textuais como estratégias, comuns pela tradição da oralidade africana, inscritas de maneira multimodal (Queiroz, 2007), aproximando-se do compromisso e responsabilidade dispensados pela figura do *griot*. A sutileza da relação empregada pela oralidade na escrita de Zapata Olivella é outro dado da subversão *cimarrona* do escritor na obra, pois, além de ser escrita por um afrodescendente interessado em valorizar e demonstrar o que define a expressão afrodescendente, oferece alternativa estratégica para a transmissão da essencialidade como fim comunicativo por meio da oralidade “inscrita”. Aqui caberia a citação realizada pelo professor e pesquisador Amarino Oliveira de Queiroz do poeta, ensaísta e ficcionista angolano Manuel Rui, que, por sua vez, é citado pela escritora Cremilda Medida, em “Sonha, Mamana África” (1987 *apud* QUEIROZ 2007, p. 21)

A consciência da ruptura aberta pelo colonialismo é clara e ilumina a inevitabilidade da situação que mesmo a independência não pode solucionar. Diante do panorama que se abre, não há regresso, e a sugestão do poeta é só uma: dinamizar o legado, apropriar-se daquilo que outrora foi instrumento de dominação e foi, seguramente, fonte de angústia. Seu esquecimento total se coloca como uma mutilação a deformar a identidade que se pretende como forma de defesa e de integração no mundo. A harmonia – tal como era, ou deveria ser – foi atingida e não podendo ser recuperada, há de ser reinventada, com aquilo que o presente

oferece. Interferir, descrever, inventar apresentam-se como palavras de ordem nesse processo de revitalização do território possível. Destituído de tanta coisa, o africano recupera-se na desalienação, ponto de partida para afirmação de seu mundo, para sua afirmação num mundo que já é outro, no qual ele precisa conquistar um lugar. Não seria legítimo nem produtivo falar em pureza de raça, etnia, cultura.

Dessa forma, Zapata Olivella recorda que o texto escrito continua a ser uma tentativa de representação da fala. Algo que não se configuraria apenas como recurso utilitário, informal e pouco legitimado como ordenamento comunicativo. A oralidade para o colombiano apresenta-se como recurso, sobretudo, originário, que opera em sentido lato, onde as fronteiras que medeiam os sentidos se configurariam, também, como vínculo ancestral que une a vida e a morte e como aperfeiçoamento vital no que se dispõe a evocar, traduzir e comunicar.

Nada separa el piso terroso de las altas nubes. Sobre una montaña, lejana y presente, *Tláloc*³ me miraba con su enorme cara de jaguar, emplumados los hombros. Antes de que pudiera advertirlo, los campos se cubren de agua hasta sumergirse en una inmensa laguna. (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 409)

Uma textura existencial “afrorrealista” marcada pela excepcionalidade e singular maneira de estabelecer compreensão de realidade por meio do que muitos consideram “mágico” ao dispor-se como alternativa hermenêutica aos fundamentos de uma racionalidade moderna que desconhece ou limita outras possibilidades expressivas de conhecimento. As relações investidas por Zapata Olivella desvendam ancestralidades comunicativas possíveis e passíveis de comunicação como amizade e *religare* que amparam e orientam para o compromisso de um *ethos* como chamado: “Ngafúa adivina mi asombro: – El río de los partos de la madre

3 Na mitologia asteca, Tlatoc é o deus da chuva, o senhor do raio, do trovão, do relâmpago. Assim como Quetzalcoalt, Tlaloac era um deus de Teotihuacan que foi incorporado pelos astecas quando conquistaram a cidade e que encontra semelhanças, em suas características e correspondência, a Changó.

abuela Sosa Illamba que no cesa de correr. Necesitarás muchos soldados para tus guerras” (Zapata Olivella, 2010a, p. 409). A ancestralidade em camadas ativas pelo oráculo *Ifá*, por meio do do Orixá Changó, emite desejos e códigos decifrados pelo babalorixá e narrador *Ngafúa*, que adverte sobre a maldade dos sentimentos ruins das *Lobas Blancas* que enganam, traem, aprisionam, torturam e matam como permanência e maldição aos *muntú*. O afro-colombiano, mais uma vez, deixa evidente em sua obra posição favorável à integração dos povos por meio de relações cosmogônicas, mas, sobretudo, humanas, que se justificam, diferem e aproximam pela liberdade como *ethos* basilar e convergente na histórica dos povos, africanos/afrodescendentes; indígenas, mestiços, *criollos* e outros insurgentes.

– Extraños sacerdotes ahogan con cenizas los gritos de nuestro Pueblo; jamás nunca antes se predicó amor con tanto odio. Hablan de paz y no nos dejan morir de viejos; prometen un paraíso para los frágiles y un mundo en llamas para los rebeldes; rompen las espaldas de las piedras para extraerle la savia y dejarlas estériles; a nuestras mujeres sembraron hijos que no aman; a los hombres encierran encorales mientras sueltan sus ganados a los campos; los caminos están llenos de cruces para colgar a los quejosos; edificaron templos a sus dioses donde amenazan a los vivos con la muerte; hablan de reyes magnánimos que nada ofrecen y todo lo han rodado. [...] – Has sido escogido para que devuelvas la dignidad a los indios y negros oprimidos, a sus descendientes mestizos, zambos y mulatos. (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 410).

A última parte do livro *Changó, el gran putas*, intitulada “Los Ancestros Combatientes”, composta por quatro subseções – “El Culto a los Ancestros”; “Los Fabricantes de Centellas”; “La Guerra Civil nos dió la Libertad, la Libertad nos Devolvió la Esclavitud”; e “Oye: los Orichas están Furiosos!” – é a mais extensa da obra, com aproximadamente duzentas páginas dedicadas à *cimarronaje* no Harlem Renaissance.

O pesquisador colombiano Dario Henao Restrepo é um dos mais consistentes especialistas na obra de Zapata Olivella, com quem teve a oportunidade de conviver, podendo, inclusive, fazer diversas entrevistas para o que viria a resultar, em 2015, em sua tese doutoral defendida no Brasil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sobre *Changó, el gran putas*. Conta Restrepo que foi durante o inverno de 1946, em Nova York, que se configurou a ideia de contar a história da diáspora africana nas Américas na epopeia *Changó, el Grand Putas*. Segundo o pesquisador, Zapata Olivella, frustrado por não ter dinheiro para ir ao concerto de Marian Anderson, no Carnegie Hall, entre o Mill’s Hotel e *subways*, no Harlem, moribundo, imaginou uma multidão gritar-lhe: “– De que te serve viajar tanto se nos esquece agora?” Antes de estar em Nova York, após ter viajado por boa parte da América Central e México, refletia, segundo relata na seguinte passagem:

Desfilavam na minha mente as crianças negras do Chocó, piolhentas e parasitadas; as horas de cansaço dos operários no Panamá, entre cujos olhares ansiosos descobri os olhos cansados do meu irmão, o quebrador de pedras da zona do canal; os plantadores maláricos de bananeiras na Costa Rica e os galpões abandonados da ferrovia onde seus filhos morriam de espru por falta de vitaminas; e mais perto, na Nicarágua, as moedeiras de milho que compartilharam comigo a cabaça de angu de seus filhos; em Honduras, os soldados descalços, analfabetos e obedientes de Carías Andinos, surdos às desgraças de seus próprios irmãos; a peregrinação dos índios da Guatemala, alimentando-se de pães duros e levando nas costas os recém-nascidos mumificados com suas carinhas sujas e sem lua; as fogueiras nos parques do México, em redor das quais os famintos, vagabundos e camponenses sem terra, nos abrigamos do frio e, ali mesmo, em Nova York, os espectros do Bowery, do Harlem doente e dos porões do Mill’s Hotel, trêmulos de frio, despertados pelos piolhos. Todos eles esticam para mim suas mãos suplicantes, os olhos inexpressivos, para me gritar: – De que serve viajar tanto se nos esquece agora? Por que entrou na cabana pobre para pedir abrigo se sua caneta não amaldiçoa nossa dor? Você é dos nossos,

lembre-se de sua avó, dobradora de tabaco; de suas tias sob telhados rompidos; de sua mãe que nunca pôde visitar um transatlântico, uma de suas pouquíssimas ambições de mulher que viu o mar na infância. Olhe, hoje não pode, apesar de sua grande aflição, escutar Anderson que é uma dos nossos, insultada pelos mesmos que nos aplaudem. Eia! Avante! Jure que a partir de hoje, onde quer que se encontre sob qualquer ameaça, lutará por nós! Os aplausos no interior do teatro apagaram de minha mente aquela alucinação e já consciente de meus atos, disse com todas as minhas forças: “– Sim, eu juro” (ZAPATA OLIVELLA 1974 *apud* RESTREPO 2015, p. 30)

É interessante observar que, ao contrário de seus contemporâneos, escritores latino-americanos, que buscaram em Paris referência e instrumentalidade para pensar o fazer artístico contemporâneo, foi na insurgência dos ambientes conturbados afro-insurgentes nova-iorquinos, mais especificamente, no Harlem, que Zapata Olivella centrou suas atenções, pois, segundo o pesquisador e amigo de Zapata Olivella, Restrepo, no Harlem, havia no cotidiano dos afro-estadunidense sentimentos e atitudes, agitação intelectual, que se desdobravam a partir da valorização do passado cultural e histórico africano e o amadurecimento que ele acreditava ser importante e subsequente ao que buscava como consciência em razão das lutas e independências das antigas colônias africanas e latino-americanas ocorridas que serviram como reflexão (Restrepo 2015, p. 36).

É possível que Zapata Olivella constatasse no Harlem movimentações politicamente mais articuladas e amplas que poderiam desdobrar-se para uma consciência e autonomia sustentável. Um exemplo combativo que, em suas palavras, não provinha apenas dos negros, mas também da “(...) grande população mestiça Hispânica que, já na encruzilhada entre assumir a defesa integral de sua mestiçagem, designavam-se a lutar e triunfar ou perder-se na frustração de um constante desconhecimento de si mesmas” (Zapata Olivella, 1974, p. 6). Um sentimento alinhado ao espírito *cimarrón* que

se apresenta no desenvolvimento do presente estudo na distinção do rigor político, atuação integrada, prospectiva e intelectualmente inclusiva pela prospecção de direitos e cidadanias. *Cimarrones* livres e insurgentes que se posicionariam com (cons)ciência e ambição para assumir protagonismos de si, espaços objetivos e subjetivos, como intelectuais pensando, responsabilmente, sobre suas histórias e valores, individuais e coletivos.

Não é possível dizer que a América Latina seja um paraíso democrático para os descendentes africanos. Embora seja verdade que não se sofreu uma discriminação racial taxativa como aqui nos Estados Unidos, as práticas discriminatórias são observadas no silêncio com que a crítica recebe seus autores e obras, bem como na marginalização social e cultural sofrida pela população negra. (Tradução nossa, ZAPATA OLIVELLA 2010b, p. 211).

Conclusão – o legado de Zapata Olivella contra silêncios e conformismos

Zapata Olivella, entusiasta e defensor das questões híbridas, da mestiçagem, não pensou apenas as Histórias dos Negros, mas a História a partir do ponto de vista dos negros. Também esteve interessado, e não dissociado, sobretudo, na História dos congêneres repreendidos, injustiçados e subalternizados, cultural e politicamente, estabelecidos como *outsiders*. No período em que esteve nos Estados Unidos, observou a síntese do exílio de povos migrantes, exilados, ex-escravizados, a exemplo dos filhos de *Changó* que continuavam a ser injustiçados. Mais: observou o movimento, a gênese e a possibilidade de dar, assim como na narrativa de *Changó, el gran putas*, oportunidade para que a História fosse protagonizada pelos negros, embora não observasse ali apenas os negros como filhos de Xangô. Não por acaso ali, como migrante, exilado e de origem ancestral escravizada, percebeu os fundamentos conceituais da obra que enfatizaram não apenas a relevância e condição mestiça nas Américas, mas, também, a necessidade de destacar as outras histórias, insurgências e contribuições

sob o desconjuro da arbitrária dominação.

Em palestra na Universidade de Howard, em 1991, ele reconhece o capítulo “Los Ancestros Combatientes” como síntese do projeto do livro, não pelas motivações pessoais, mas por considerar o caso estado-unidense exemplar para pensar dimensões contrastivas entre Estados Unidos e América Latina no que diz respeito à emancipação dos *outsiders* – o que faz compreender que, além da dimensão antropológica envolvida, também havia a continuidade histórica e política de uma perversão humana capitaneada pela repressão arbitrária que fez com que emergisse, de maneira comprometida, poética com a diversidade ainda não proporcionalmente representada.

Outra dimensão da diversidade na unidade, é proposta pela profusa mestiçagem do africano com o indígena e o europeu nas antigas colônias espanholas e portuguesas. No vasto território continental que se estende do México até o Cabo Horn, a etnia negra esteve presente desde os primeiros dias da Conquista e com o correr dos séculos produziu influências profundas na alma do mestiço. Seria possível falar de *soul* afro-latino-americano que subjaz em forma invisível no folclore e anseio de liberdade destes povos. Certamente, tal fenômeno é muito mais claramente visível no Brasil e nas Antilhas, onde a população de descendência africana constitui a maioria. (ZAPATA OLIVELLA, 1974 *apud* RESTREPO 2015, p. 210)

O *Harlem Renaissance* significou, para Zapata Olivella, a maturidade da consciência necessária para a negritude avançar de maneira mais significativa, pois fundia ancestralidade e revolução, no sentido de propor visibilidade e dignidade como afirmação irreversivelmente política. Tratou-se de um movimento que, essencialmente, valorizou o orgulho de suas próprias articulações envolvendo orgulho racial, seus desígnios criativos e intelectuais, em diversas expressões – música, teatro, literatura – sob o ímpeto irrepreensível de exercê-los. É como se o *cimarrón*, definitivamente, pudesse manifestar-se em suas mais amplas

potencialidades participativas. Em outras palavras, sob o interesse reivindicativo de participação na “Cidade Letrada” em condições isonômicas pelo direito civil, público de exercê-las. Para Zapata Olivella, em sua obra *Changó, el gran putas*, não eram apenas negros, cidadãos, mas ancestrais em mobilização como *muntú* sob a ordem de Xangô.

Durante o período em que esteve nos Estados Unidos, Zapata Olivella foi acolhido na casa do poeta Langston Hughes, que foi determinante na maneira de conceber o cruzo de sua obra. Em 1925, editado pelo escritor e filósofo Alain Locke, publicou-se compilação com diversos escritores negros – Countee Cullen, Zora Neale Hurston, Claude McKay, entre outros – incluindo Langston Hughes. Hughes destacou-se e tornou-se referência para sua geração por fundir tradição cultural afrodescendente e fábulas espirituais em ritmo de canções blues. Daí, em meio ao sentimento e consciência de pertencimento, cunhou-se a referencialidade *New Negro*, ou seja, a referencialidade intelectual do afrodescendente *cimarrón*. Não por acaso, a terminologia *Renaissance* foi evocada no Harlem. Trata-se de um novo momento de pertencimento que, assim como o Renascimento do Ocidente, provocou uma transformação cultural pelas criações literárias, artísticas e científicas, fazendo com que o negro se apresentasse como referencialidade de si e abordasse o que significava ser negro e humano.

También las estrellas que relucían en el cielo negro, que toda la atención del mundo abandonó los círculos parisinos para invadir al mundo desconocido, sorprendente y abscóndito de una raza que comenzaba a desnudar sus secretos y la potencialidad de su alma. (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 96).

Da inspiração, amizade e versos de Hughes, lê-se em “Weary Blues”: “Ain’t got nobody in all this world, / Ain’t go nobody but ma self. / I’s gwine to quit ma frownin / And put ma troubles on the shelf” (HUGHES, 1999, p. 45)

Zapata Olivella também criou seus próprios versos: “Hijo negro / hijo blanco / hijo

indio / mitad tierra / mitad árbol / mitad leña / mitad fuego / por sí mismo / redimido” (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 68).

Da variedade de vozes que compunham em unísono o New Negro, integraram a narrativa outras personalidades decisivas, cada uma a seu modo, como Marcus Garvey, Nat Turner, Martin Luther King, Malcom X e Angela Davis, incorporada em Agne Brown, personagem que conduz a narrativa sob a bênção e chamado de Xangô:

Oye tu memoria ancestral, en ella duermen, viven, nacen los hijos de Sosa Illamba, madre de los hambrientos sin nombre! Agne Brown, parto de Yemanyá, escúchame: Changó, entre todos los ekobios, te ha escogido a ti: mujer, hija, hermana y amante para que reúnas la rota, perseguida, asesinada familia del muntu en la gran caldera de todas las sangres. (ZAPATA OLIVELLA, 2010a, p. 443).

É impossível supor como terminaria a obra inacabada e onde e como se daria o desfecho da primeira epopeia afrodescendente, se é que poderíamos supor o alcance de seu fim. A morte precoce de Zapata Olivella abrevia a genialidade crítica e criativa de um dos maiores expoentes da afrodescendência latino-americana, embora deixe evidente, como legado, o alcance da grandiloquente e complexa contribuição cultural do imaginário e valores africanos na América Latina, apesar de ausências e/ou inépcias nas abordagens da Historiografia e Crítica Literária que deixam claro o descaso sobre as contribuições africanas e afrodescendentes para as Humanidades e Literaturas. Fica evidente, portanto, que não se deve compactuar com silêncios e conformismos.

Referências

BOLIVAR, Simon. *Carta a Jamaica*. Santiago: LOM Ediciones, 2015.
BURCKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo: Companhia das Letras 2009.

HUGHES, L. *Hughes: Poems*. Londres: Everyman's Library, 1999.

JAMES, C. L. R. *Os Jacobinos Negros*. Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingo. São Paulo: Boitempo, 2010.

QUEIROZ, A. O. *As Inscrituras do Verbo: Dizibilidades Performáticas da Palavra Poética Africana* (Tese de doutoramento, Universidade Federal de Pernambuco, Recife), 2007.

RESTREPO, D. H. *O Código Xangô: A Cosmovisão Mito-Poética de Matriz Africana em Changó, el Gran Putas*, de Manuel Zapata Olivella (Tese de Doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro), 2007.

ZAPATA OLIVELLA, Manuel. (2010a) *Changó, el Gran Putas*. Bogotá: Ministerio de Cultura República Colombiana, 2010a.

_____. *Por los Senderos de sus Ancestros: Textos Escogidos (1940-2000)*. Bogotá: Ministerio de Cultura de la República Colombiana, 2010b.

_____. Memoria de la Palabra. *Revista de Estudios Colombianos*, 1987.

_____. *He Visto la Noche*. Medellín: Editorial Bedout, 1974.

COMO CITAR

MENDES, R. A Representação Afro-Latino-Americana como Cimarronaje em *Changó, el Gran Putas*, de Manuel Zapata Olivella. *Revista Cerrados*, 32(61), p. 100–113. 2023. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v32i61.43934> .